



DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v19.i1.8665342>

Artigo Original

A palavra é um certo lugar do meu mundo linguístico: notas sobre corpo, linguagem e expressão em Merleau-Ponty

***The word is a right place in my linguistic world:
notes on body, language and expression in Merleau-Ponty***

***La palabra es un lugar en mi mundo Lingüístico:
notas sobre el cuerpo, el lenguaje y la expresión en Merleau-Ponty***

Terezinha Petrucia da Nóbrega¹ 

RESUMO

Introdução: Onde se situaria o lugar da palavra no mundo linguístico? O artigo ensaia passos que acompanham o movimento das ideias de Merleau-Ponty (1908-1961), considerando a fenomenologia da percepção, a estesiologia e a fabricação de uma ontologia indireta para afirmar o lugar do corpo na linguagem e na expressão. **Objetivo:** O objetivo principal é apresentar as relações entre corpo e linguagem como integrantes de uma filosofia expressiva por meio do corpo estesiológico, da intercorporeidade e do logos estético. **Método:** Trata-se de uma estudo filosófico de textos de Merleau-Ponty tais como livros, resumos de cursos proferidos no *Collège de France* e notas de trabalho, no período de 1942 a 1961. **Resultados:** Assim, podemos afirmar com Merleau-Ponty que a linguagem não é uma vestimenta do pensamento; bem como podemos perceber um significante corpóreo ou uma quase-corporeidade da palavra. **Considerações Finais:** A leitura desses textos nos convida a ensaiar movimentos em direção a uma linguagem falante que convoca o outrem e que configura um logos estético capaz de expressar, de inventar, de abrir horizontes para a vida e para o conhecimento.

Palavras-chave: Corpo. Fenomenologia. Ontologia.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências da Saúde, Departamento de Educação Física. Natal - RN, Brasil.

Correspondência:

Terezinha Petrucia da Nóbrega. Centro de Ciências da Saúde, Departamento de Educação Física, Campus Universitário, Lagoa Nova, CEP 59072-790, Natal – RN. Email: pnobrega68@gmail.com



ABSTRACT

Introduction: Where would the word be located in the linguistic world? The article rehearses steps that accompany the movement of Merleau-Ponty's ideas (1908-1961), considering the phenomenology of perception, esthesiology and the fabrication of an indirect ontology to affirm the body's place in language and expression. **Objective:** The main objective is to present the relations between body and language as part of an expressive philosophy through the esthological body, intercorporeality and aesthetic logos. **Method:** It is a philosophical study of Merleau-Ponty texts such as books, summaries of courses given at the Collège de France and work notes, from 1942 to 1961. **Results:** Thus, we can say with Merleau-Ponty that language is not a garment of thought; as well as we can perceive a corporeal signifier or a quasi-corporeality of the word. **Final considerations:** The reading of these texts invites us to rehearse movements towards a speaking language that summons others and that configures an aesthetic logos capable of expressing, inventing, opening horizons for life and knowledge.

Keywords: Body. Phenomenology. Ontology.

RESUMEN

Introducción: ¿Dónde estaría ubicada la palabra en el mundo lingüístico? El artículo ensaya los pasos que acompañan el movimiento de las ideas de Merleau-Ponty (1908-1961), considerando la fenomenología de la percepción, la estesiología y la fabricación de una ontología indirecta para afirmar el lugar del cuerpo en el lenguaje y la expresión. **Objetivo:** El objetivo principal es presentar las relaciones entre cuerpo y lenguaje como parte de una filosofía expresiva a través del cuerpo estológico, la intercorporalidad y los logotipos estéticos. **Método:** Se trata de un estudio filosófico de textos de Merleau-Ponty como libros, resúmenes de cursos impartidos en el Collège de France y apuntes de trabajo, desde 1942 hasta 1961. **Resultados:** Así, podemos decir con Merleau-Ponty que el lenguaje no es una prenda de pensamiento; así como podemos percibir un significante corpóreo o una cuasi corporeidad de la palabra. **Consideraciones finales:** La lectura de estos textos invita a ensayar movimientos hacia un lenguaje hablante que convoca a otros y que configura un logos estético capaz de expresar, inventar, abrir horizontes a la vida y al conocimiento.

Palabras Clave: Cuerpo. Fenomenología. Ontología.

INTRODUÇÃO

Somos tão fascinados pela ideia clássica da adequação intelectual que esse “pensamento” mudo da pintura nos dá as vezes a impressão de um vão redemoinho de significações, de uma fala paralisada ou abortada [...] Será o mais alto ponto da razão constatar que o chão desliza sob nossos passos, chamar pomposamente de interrogação um estado de estupor continuado, de pesquisa um caminho em círculo, de Ser o que nunca é inteiramente? (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 46).

A pintura pensa, dizia Merleau-Ponty. Cézanne ensinou Merleau-Ponty a pensar. Em seu último ensaio, *O olho e o espírito*, Merleau-Ponty (2004) reafirma sua pesquisa para compreender o pensamento como um ato do corpo e de uma linguagem ora falante, ora silenciosa, como caminho para sua ontologia. Ele vislumbra a imensa tarefa que ainda estava por realizar e reconhece “o lamento de não ser tudo”, frase que soaria profética em razão de sua partida inesperada poucos meses depois (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 46). Referindo-se a pintura como uma filosofia figurada à maneira de um ensaio filosófico sensível, ele escreve:

Se mesmo nenhuma obra se completa absolutamente, cada criação modifica, altera, esclarece, aprofunda, confirma, exata, recria ou cria todas as outras. Se as criações não são uma aquisição, não é apenas que, como todas as coisas elas passam, é também que elas têm diante de si quase toda sua vida (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 46).

Essa atitude do filósofo, reconhecendo a grandeza da tarefa e a profundidade da pesquisa necessária a sua ontologia que não segrega o corpo e o pensamento, a razão e a sensibilidade, mesmo quando o chão desliza sob nossos passos, ao invés de nos paralisar nos movimenta neste ensaio para criar horizontes de compreensão sobre a linguagem em sua relação com o corpo e com a expressão.

O pensamento de Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) sobre a linguagem inspira-se inicialmente em Saussure para considerar a palavra como certo lugar do meu mundo linguístico que não separa o signo da significação. Com Husserl mas sobretudo com os pintores, em especial Cézanne, Merleau-Ponty irá situar esse lugar da palavra, da linguagem como um gesto do corpo. Tal trajetória reflexiva envolve diferentes aspectos tais como questões relacionadas as patologias da linguagem, notadamente a afasia; processos de aprendizagem da fala na criança; a fala como fenômeno expressivo; a relação entre linguagem e ontologia, entre outros. Neste ensaio acompanhamos o movimento das ideias do filósofo francês, nuançando as relações entre o corpo, a linguagem e a expressão.

Na *Fenomenologia da Percepção* Merleau-Ponty (1945) dedica um capítulo a linguagem: “o corpo como expressão e fala”. Desde então, esse tema irá acompanhá-lo como podemos ler nos *Cursos sobre Psicologia e Pedagogia da Criança*, ministrados na Sorbonne entre os anos de 1949 e 1952; no Curso sobre

O uso literário da linguagem, proferido no *Collège de France* (1952-1953) e *O problema da Palavra* (1953-1954). Há textos significativos sobre o tema publicados em *Signes* (1960) e na *Prosa do Mundo*, livro inacabado e publicado, em 1964, postumamente, sob os cuidados de Claude Lefort. No mesmo período em que publicava a *Fenomenologia da Percepção*, Merleau-Ponty criava desvios em seu pensamento, ensaiava outros movimentos em sua filosofia rumo a uma ontologia indireta como podemos ler em *A Guerra aconteceu, A dúvida de Cézanne, O Cinema e a nova Psicologia, o Romance e a Metafísica* e outros ensaios políticos e estéticos (MERLEAU-PONTY, 1996)².

Claude Imbert afirma que há uma afasia no pensamento de Merleau-Ponty anunciada desde o Editorial de *Tempos Modernos: La guerre a eu lieu; bem como* no capítulo final da *Fenomenologia da Percepção* ou na *Prosa do mundo* quando o filósofo dá a palavra ao escritor. A partir dessa impossibilidade, evitando a impostura filosófica ele iniciou um lento contorno da dificuldade ao transformar o obstáculo em fonte.

Nada permaneceria de uma colocação fenomenológica: nem a intencionalidade, nem as coisas mesmas, nem qualquer atividade sensorial ingênua e antepredicativa, nenhuma maquinaria espontânea do corpo que começa no mundo da vida e associou um protocolo discursivo (IMBERT, 2020, p. 24).

Merleau-Ponty inventa uma nova maneira de praticar a filosofia, liberando-se dos resíduos das filosofias da consciência – nas quais a própria fenomenologia em geral se inscreve – e das ontologias do objeto presentes no cientificismo inclusive aquele das ciências humanas, tema de suas lições na Sorbonne no final dos anos 1940 e início dos anos 1950 (MERLEAU-PONTY, 1973). Ele praticou uma filosofia fundada no mundo vivido, no corpo, na expressão repleta de gradientes sensíveis que envolvem a sensação, o sentimento e o sentido semântico como nos mostra Didi-Huberman (2012), ao explorar o sentido do *pathos*.

Nesse movimento de pensamento, Merleau-Ponty considera a linguagem como uma expressão do corpo, considerando a relação entre a fala falante e a fala falada, o gesto e a comunicação. A fala é um gesto do corpo que envolve articulações nervosas e estados de consciência configurados a partir de uma imagem verbal que em conjunto com a intencionalidade afetiva e o tônus corporal dá sentido à palavra.

² Nas citações deste artigo usamos a edição brasileira da obra *Fenomenologia da Percepção*, publicada pela Martins Fontes em 1994. Também usamos a edição brasileira de *Signos*, publicada em 1991 pela editora Martins Fontes. A obra original em francês *Signes* foi publicada pela editora Gallimard em 1960, contendo textos sobre a linguagem, textos estéticos e políticos escritos por Merleau-Ponty, tais como: *A linguagem indireta e as vozes do silêncio, A dúvida de Cézanne, Sobre a fenomenologia da Linguagem*, entre outros. Também usamos a edição brasileira publicada pela Martins Fontes, em 2006, do conjunto de cursos proferidos por Merleau-Ponty na Sorbonne, entre os anos de 1949 e 1952, reunidos sob o título *Psicologia e Pedagogia da criança. La guerre a lieu, Le cinema et la nouvelle Psychologie, le Roman et la Métaphysique* foram publicados em *Sens et Non-sens*, pelas edições Nagel em 1966 e pela Gallimard em 1996 (MERLEAU-PONTY, 1996).

Na *Fenomenologia da Percepção*, o filósofo afirma que para empiristas e intelectualistas a palavra é mecânica, necessitando de um sentido que seria dado pelo pensamento. A fala não se reduz a um mecanismo neurológico, a um fluxo de palavras nem tampouco o resultado de um psiquismo inconsciente. A fala é um ser de razão e possui uma intencionalidade operante que brota das articulações estesiológicas do corpo vivo. Merleau-Ponty se interessa não pelo “estoque de palavras” que um sujeito possui, mas sim pela maneira de utilizá-lo, isto é, sua atenção está voltada para o sujeito falante e para a linguagem como fenômeno expressivo, ou seja, para uma “fala autêntica”, ou seja, para a fala como experiência na qual a elaboração do pensamento se faz: o pensamento fazendo-se na fala. Através da fala há um poder de pensar, uma intencionalidade operante que possibilita que a palavra seja “um certo lugar do meu mundo linguístico” (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 246).

Na nota de advertência que escreve quando da publicação póstuma dos Resumos de Cursos proferidos por Merleau-Ponty no *Collège de France* entre os anos de 1952 a 1960, Claude Lefort escreve:

As notas de que ele se servia, abundantes ou sucintas, forneciam-lhes apenas um apoio. Jamais esse apoio dispensou-lhe o risco de ter que pensar diante dos outros. Ocorria-lhe as vezes afastá-las a ponto de esquecê-las (LEFORT, 1968, p. 8).

Essas notas feitas por Merleau-Ponty nos mostram como o filósofo “circunscrevia o lugar onde se fazia o movimento da palavra”(LEFORT, 1968, p. 8). Neste artigo iremos apresentar nossa leitura do pensamento do filósofo, considerando a crítica as abordagens empiristas e intelectualistas da linguagem, a relação entre pensamento e fala, a atitude do corpo e o logos estético na compreensão de uma linguagem indireta como base de sua ontologia expressiva na qual precisamos considerar o fenômeno da vociferação, da fisionomia das palavras e do silêncio.

Essa reflexão inscreve-se no contexto do movimento de pensamento de Merleau-Ponty, considerando aspectos da fenomenologia da percepção, de uma filosofia expressiva do corpo estesiológico e de uma ontologia indireta como horizonte de nossos pensamentos.

A LINGUAGEM COMO GESTO DO CORPO

Para Merleau-Ponty (1994), a fala é um gesto corpóreo. Na sua obra mais conhecida, a *Fenomenologia da Percepção*, ele afirma que ao descrever o fenômeno da fala e o ato expressivo da significação podemos ultrapassar a dicotomia clássica entre o sujeito e o objeto, a consciência em si (objeto) e a consciência para si (sujeito), o expresso e a expressão. Nesse contexto, a fala não

se reduz a um mecanismo neurológico expresso em um fluxo de palavras, nem o resultado de um psiquismo inconsciente. A palavra tem um sentido que decorre do seu uso, não sendo um automatismo ou a consciência desse fenômeno. A fala envolve articulações nervosas e estados de consciência, em virtude das associações adquiridas e a aparição de uma imagem verbal convencional que traria um significado, um sentido da palavra. Mas, ao se interessar pela sujeito que fala e pela fala falante - essa que fala em nós com sua função expressiva-, Merleau-Ponty vai considerar a palavra como gesto não apenas linguístico, mas como fenômeno expressivo e intersubjetivo. Desdobra-se dessa compreensão uma fala autêntica na qual o pensamento se faz ao mesmo tempo que temos o poder de compreender para além do que pensamos. Através da fala há um poder de pensar segundo o outro que enriquece nossos próprios pensamentos.

A Palavra “é um certo lugar do meu mundo linguístico” (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 246). A palavra também convoca a memória, não como sendo a consciência de um passado, mas “um esforço para reabrir o tempo a partir das implicações do presente” (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 246). Há no corpo, portanto, esse poder de vociferação que é também um poder de expressão. A esse respeito expressivo da palavra, Merleau-Ponty recorre a uma passagem de Proust sobre o teatro para dizer que a atriz se torna invisível, sendo Fedra, a personagem, quem aparece.

Para pensar a linguagem, Merleau-Ponty inspira-se também na pintura como expressão silenciosa que fala através dos gestos do pintor. Essa atitude é proposital para dar lugar ao corpo sensível e criar uma nova inteligibilidade para o conhecimento que não segrega o sujeito e o objeto, a expressão e o expresso, a fala e o pensamento. Para ele, a fala não é a vestimenta do pensamento, mas uma “presença sensível do pensamento” (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 247). Também irá considerar a literatura, em particular a poesia, como lugar sensível de criação da linguagem na qual o corpo se engaja de forma expressiva. Para ele o pensamento não existe fora do mundo e fora das palavras, fora do corpo.

No ensaio *A linguagem indireta e as vozes do silêncio*, Merleau-Ponty (1960) esclarece que não se trata de colocar uma palavra para cada pensamento. Há um poder das palavras para além de uma significação já estabelecida: “a linguagem significa quando, em vez de acompanhar o pensamento, deixa-se desfazer e se refazer por ele. A palavra aporta seu sentido como o rastro de um passo significa o movimento e o esforço de um corpo” (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 56). A palavra granizo por exemplo, não é apenas um objeto linguístico, mas uma modulação do meu corpo no mundo, com seu estilo expressivo.

No texto *Sobre a fenomenologia da linguagem*, publicado em *Signos*, Merleau-Ponty diz que há uma *quase-corporeidade* do significante posto que a língua falada é viva e possui um vasto valor expressivo repleto de palavras, torneios, gestos que compõem uma “significação ‘linguajeira’ da linguagem que

realiza a mediação entre a minha intenção ainda muda e as palavras. De tal modo que minhas palavras me surpreendam a mim mesmo e me ensinam o meu pensamento” (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 111).

Os signos e seus sentidos não se prendem a um “eu penso”, mas a um eu posso, como potência expressiva de significação da palavra e da textura do gesto linguístico:

A palavra que eu profiro ou a que eu ouço, é prenha de uma significação que é legível na própria textura do gesto linguístico, a ponto de uma alteração da voz, a escolha de certa sintaxe bastarem para modifica-la, sem jamais estarem contidas nela, pois toda expressão me aparece sempre como um vestígio (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 111).

A palavra não se realiza apenas nas possibilidades já inscritas na língua, há palavras que emergem do corpo, de uma operação expressiva do corpo, razão pela qual o sentido é imanente à fala mesma, sendo reiterado posto que eu posso falar sobre o que foi dito. Posso pensar sobre a fala falada que resulta de significações disponíveis dadas pela aquisição cultural da linguagem e nas relações com o outrem posto que o sentido dos gestos é compreendido, retomado por um ato do espectador, do nosso interlocutor, do outrem.

O pensamento e a expressão constituem-se simultaneamente, quando nossa aquisição cultural se mobiliza a serviço dessa lei desconhecida, assim como nosso corpo repentinamente se presta a um gesto novo na aquisição de um hábito. A fala é um verdadeiro gesto e contém o seu sentido (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 249).

Os signos são arbitrários e a cultura desempenha um papel importante na experiência da comunicação, em particular a maneira como em cada cultura se faz um certo uso do corpo e inventa-se palavras, configurando-se a experiência intersubjetiva. Destaca-se no Curso sobre *O Problema da Palavra*, proferido no *Collège de France*, entre os anos 1952-1953, a distinção entre palavra falada e falada, os problemas patológicos na aquisição da linguagem e o uso criador da linguagem que se enraíza em nossa experiência sensível do mundo (ANDÉN, 2020).

Ao se referir a linguagem na criança, Merleau-Ponty (2006) nota que o choro, o grito, os movimentos, o balbúcio formam os primórdios da linguagem como expressão polimorfa da qual a linguagem emerge e na qual a criança imerge na linguagem. A linguagem é ao mesmo tempo o prolongamento dessa atividade expressiva do corpo e do movimento e uma nova relação com o mundo e com o outrem, havendo sempre a necessidade para o sujeito que ouve a iniciativa de interpretar em um processo que jamais é unívoco. A aquisição da linguagem na criança é tematizada por Merleau-Ponty nos cursos da Sorbonne, não apenas a linguagem falada, mas a sua expressão no desenho. Merleau-Ponty irá demonstrar que há um arranjo, uma configuração da consciência que é diferente na criança e

no adulto. Há uma lógica própria de sentir, de se emocionar, de perceber, de conhecer. O desenho é um exemplo. Em que medida o desenho reflete a percepção da criança?

Para responder a essa questão Merleau-Ponty recorre, inicialmente, as ideias de Georges-Henri Luquet que ao analisar os desenhos infantis considera, sobretudo, a imperícia motora e a imitação de uma perspectiva geométrica. Merleau-Ponty enfatiza que há outros aspectos a serem elaborados como fenômeno expressivo no processo de educação de crianças a partir do desenho ou da pintura por exemplo. De fato, os pintores modernos, em especial Cézanne, ensinaram a Merleau-Ponty a ver a fluidez, a mobilidade, a profundidade das sensações. Ele aprecia também o trabalho da psiquiatra de origem polonesa Françoise Minkowska sobre a pintura de Van Gogh e Seraut, relacionando-os aos desenhos de crianças. O uso das cores, dos traços, a união entre desenho e pintura compreendida como forma de expressão de estados psíquicos auxiliará Merleau-Ponty na superação das teses empiristas e mecanicistas do comportamento, da aprendizagem e da linguagem (MERLEAU-PONTY, 2006).

O filósofo destaca o debate entre as noções mecanicista, genética e a abordagem da Gestalt na compreensão do processo de desenvolvimento da criança, centrando-se nas questões da inteligência, do ato cognitivo, mas também da percepção, do corpo, do movimento e das emoções. Em sua primeira tese, publicada em 1942, ele já havia criticado a concepção mecanicista do desenvolvimento, reduzindo-se o organismo a algo mecânico regido por uma causalidade do tipo Estímulo-Resposta. O behaviorismo é uma expressão desse mecanicismo. Por outro lado, também não se pode reduzir os processos de pensamento, de inteligência a atos de ideação que se expressam em uma "tomada de consciência", cujos trabalhos de Piaget são exemplares, notadamente a compreensão piagetiana segundo a qual o pensamento da criança se desenvolve superando-se etapas: do sensório motor ao lógico-formal, passando pelo operatório concreto. Em sua tese sobre a estrutura do comportamento, Merleau-Ponty se aproximou dos estudos realizados pelos cientistas da Gestalt (Wertheimer, Koffla, Goldenstein) para compreender a percepção como um fenômeno que une a sensibilidade e a inteligência, a razão e os afetos (MERLEAU-PONTY, 1942).

Nesses cursos da Sorbonne ele considera o trabalho de Piaget extremamente rico, mas lhe falta habitar a experiência da criança de modo mais intenso, fenomenológico eu diria. Segundo Merleau-Ponty (2006), as observações são ricas, mas Piaget as reduziu a hipóteses lógicas, excluindo o fenômeno da expressão da criança e sua maneira própria de ver o mundo. Todos os fenômenos ligados ao sensório motor são fundamentais para a percepção e, portanto, para a formação de uma inteligência que não é apenas cognição, operações lógicas ou da ordem dos fenômenos conscientes. De modo geral podemos entender que a crítica de Merleau-Ponty busca um aprofundamento dos vínculos do corpo na gênese do

pensamento. A criança não distingue boca e voz, forma e função. Tal aspecto não é necessariamente uma falta. A linguagem da criança é um fenômeno expressivo mais abrangente, próximo ao da poesia. Tal aspecto para Piaget seria um fenômeno negativo, ou seja, uma falta. Mas, para Merleau-Ponty é sua expressão como sujeito no mundo. O filósofo busca, incessantemente, estabelecer essa ligação entre o pensamento e o corpo, afastando-se das filosofias da consciência e movimentando-se a uma ontologia cuja fórmula encontra na sensibilidade, no sentir mesmo seu solo e seu horizonte.

Em *A linguagem indireta e as vozes do silêncio*, Merleau-Ponty afirma que “o sentido é o movimento total da palavra, e é por isso que nosso pensamento se demora na linguagem. Por isso também a transpõe como o gesto” (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 54). Portanto, não há uma correspondência pontual entre signo e significado, mas movimento oblíquo, um poder de decifração informulado que emerge do nosso próprio envolvimento com o que está sendo dito, com as expressões adquiridas e com a expressão criadora na criação de horizontes de sentidos: estesiológicos, afetivos, semânticos. Esses sentidos estabelecem uma relação intersubjetiva que demanda a reflexão sobre o outrem, posto que nossa corporeidade convoca a experiência do corpo do outro.

O OUTREM E A INTERCORPORAIDADE

Nos cursos da Sorbonne, proferidos entre os anos de 1949 a 1952, Merleau-Ponty refletiu sobre a experiência do outrem na ligação corpo e mundo como sendo fundadora do esquema corporal. Para ele, não somos só um corpo sensorial, mas também “portador de técnicas, de estilos e condutas as quais correspondem toda uma camada superior de objetos: objetos culturais aos quais as modalidades do nosso estilo corporal, confere certa fisionomia” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 542). Assim, “outrem pode aparecer-me como sendo quem realmente é, mas também me é dado como oculto. Outrem apenas transparece: aparece como sentido vivo, sentido que se conserva ou se degrada” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 565).

Na conferência *O Homem e a adversidade*, pronunciada em 1951, nos Encontros Internacionais de Genebra, posteriormente publicada em *Signos*, Merleau-Ponty cita Paul Valéry para dizer que a consciência do corpo é a obsessão do outro, cujo arranjo expressa-se em um “quiasma de dois destinos” ou de dois pontos de vista: “Tu tomas a minha imagem e eu tomo a tua. O que me falta é esse eu que tu vês. E a ti, o que falta é tu que eu vejo. E por mais que avancemos no conhecimento um do outro, quanto mais refletirmos, mais seremos outros” (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 294). Assim, a experiência do outrem é marcada pela diferença, pela diferenciação, pelo encontro e pela transformação dos olhares.

No *Projeto de Trabalho* apresentado para sua candidatura ao *Collège de France*, em 1952, Merleau-Ponty traçou rigorosamente sua crítica à fenomenologia

e apresentou perspectivas para um aprofundamento de sua filosofia, considerando a expressão. Ela afirma que uma função como a sexualidade, que pode parecer estar ligada a um dispositivo orgânico, libera-se pouco a pouco na infância de uma ligação vaga com o outro e com o mundo, todas as circunstâncias psicológicas da infância contribuem para definir e aportam a nossa história pessoal como um tema que ela deverá decifrar certa ligação carnal às coisas e aos outros. Dessa maneira, “como por um tipo de osmose, o corpo e o sujeito difundem-se um no outro” (MERLEAU-PONTY, 2000, p.19).

Essa descoberta do corpo pela fenomenologia implica uma redescoberta do mundo percebido e sua profunda ligação com a intercorporeidade e sua ligação com o esquema corporal, a motricidade, a sexualidade, os afetos, o pensamento e a linguagem. Para o filósofo, a reflexão sobre a percepção nos faz perceber a tese fundamental de nossa vida reflexiva que consiste na descrição do mundo, no relato das experiências, sem apartá-la do pensamento discursivo ou lógico da cultura. Desse modo, as condutas, os gestos do outro são compreendidos segundo uma lógica tácita que será preciso aprender a conhecer.

Nesse processo de conhecimento do outro, Merleau-Ponty diz que não são suficientes a grafologia e a fisionomia moderna - em voga nos anos 1950 quando o filósofo reflete sobre essas questões na Sorbonne-, pois a escritura e a estrutura do corpo não são suficientes para garantir uma percepção precisa do outro, pela simples razão que o ato da escrita responde a uma atitude muito especial na qual o homem inteiro está longe de se exprimir. Por sua vez, as proporções inatas do corpo como o tamanho do nariz, a posição das sobrancelhas, não podem nada dizer sobre a história individual de um sujeito. Para ele, mesmo “as expressões emocionais da dor e da alegria são ambíguas, desde que presentes em uma parte do rosto, ou no rosto sem o corpo, ou no corpo sem a situação” (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 27,28). A análise da expressão da pintura trará um acréscimo de precisão. O pintor, para olhar o objeto e para olhar o quadro, toma conselho de suas mãos, de seus olhos, de seu corpo, mas que de seu julgamento (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 28). Chamamos a atenção com essas considerações sobre a grafologia e a fisionomia como sendo descrições que em uma abordagem fenomenológica precisam ser completadas, corrigidas e até ultrapassadas pelos relatos das experiências dos sujeitos.

Há outros argumentos formulados por Merleau-Ponty sobre o papel do outrem. Em *A guerra aconteceu*, ensaio publicado em 1945 na Revista *Les Temps Moderns*, no dia seguinte ao armistício, e posteriormente, em 1966, no livro *Sens et Non Sens*, Merleau-Ponty já se colocava a problemática do outro, relacionada inicialmente a questão histórica produzida pela experiência da guerra:

Daqui em diante os alemães que encontrássemos na rua, no metrô, no cinema, não nos era mais permitido tratar-lhes humanamente [...] Era preciso distinguir os nazistas e os alemães” [...]. Viver durante quatro anos ao lado deles sem viver um minuto com eles,

sentir-nos sob seu olhar como “franceses” e não como homens” [...]. Mesmo para aqueles que a vida continuava, sentiam que sua liberdade não era como antes. Não somos livres sozinhos (MERLEAU-PONTY, 1996, p.172-173)

Esse tema percorrerá a tese da *Fenomenologia da Percepção* de ponta a ponta, finalizando com o tema da liberdade. O mundo é tema primeiro da fenomenologia, pois não existe homem interior, o homem está no mundo e é no mundo que ele conhece, mediado pela relação com o outrem. Nesse cenário a intercorporeidade apresenta-se como potência expressiva, como horizonte para a experiência educativa nos domínios da existência e do conhecimento (NÓBREGA, 2018).

Sobre as relações da linguagem com o outrem, Merleau-Ponty afirma que o sentido dos gestos não é dado, mas retomado por um ato do espectador. Busca-se na comunicação uma reciprocidade entre o gesto e a significação, sendo “por meu corpo que compreendo o outro” (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 253). Neste processo de comunicação a cultura tem um papel fundamental posto que os signos são arbitrários e variam de cultura a cultura, o mesmo ocorrendo com a expressão das emoções:

Ora, de fato, a mímica da cólera ou do amor não são a mesma para um japonês e um ocidental [...]. O japonês encolerizado sorri, o ocidental enrubesce e bate o pé, ou então empalidece e fala com uma voz sibilante. Não basta que dois sujeitos tenham os mesmos órgãos e o mesmo sistema nervoso para que em ambos as mesmas emoções se representem pelos mesmos signos. O que importa é a maneira pela qual eles fazem uso do corpo, é a enformação simultânea de seu corpo e de seu mundo na emoção (MERLEAU-PONTY, 1994, 257).

Merleau-Ponty (1964) enfatiza como o corpo transcende o biológico, inventando condutas assim como inventa palavras. Desse modo, a linguagem, a fala em particular, é uma operação expressiva intersubjetiva. Em nosso próprio corpo há lacunas que convocam o olhar e a experiência do outrem, pois não vejo meus olhos ou meu dorso diretamente. O corpo do outro não é um objeto para mim, não o apreendo em sua evidência, mas alteridade e a possibilidade de uma experiência intercorpórea.

Merleau-Ponty irá aprofundar os estudos sobre o outrem com a noção de intercorporeidade, ou seja, com a possibilidade de sentir o outro, sentir com o outro. Para o filósofo, a experiência do outro é inicialmente estesiológica posto que ao tocar a mão de outro eu anexo seu mundo ao meu. No ensaio *O filósofo e sua sombra*, escrito em homenagem a Husserl e ao impensado de sua obra, publicado nos anos 1960 em *Signos*, ele esclarece essa experiência da intercorporeidade por meio do exemplo do contato em um aperto de mãos ou na experiência do olhar, atos nos quais o outro anima-se diante de mim: “Se, ao apertar a mão de outro homem, tenho a evidência de seu estar-ali, é porque meu corpo anexa o corpo do

outro” (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 212).

A experiência do tocar em toda sua extensão, como sentido de contato e intimidade nuança uma experiência estesiológica capaz de criar vínculos com o corpo do outro. Tal experiência exige uma escuta sensível, como Merleau-Ponty esclarece nas notas inacabadas de *O Visível e o Invisível*, pouco antes de sua repentina morte em 1961, debruçado sobre a Dióptrica de Descartes, ao se referir aos movimentos do corpo, do rosto, da boca que em sua expressividade constituem o grito e a voz: se estou bastante próximo do outro para ouvir-lhe o alento, sentir-lhe a efeverscência e a fadiga, assisto quase, nele como em mim, ao terrível nascimento da vociferação” (MERLEAU-PONTY, 1992, p. 140). Os movimentos do rosto em sua fisionomia, as posturas corporais, os movimentos, o grito, a voz “constituem o ponto de intersecção do falar e do pensar no mundo do silêncio” (MERLEAU-PONTY, 1992, p. 140). São experiências do corpo no mundo que nos educam, na presença do outro, na companhia do mundo e em atos nos quais o sentir, o sentimento e o sentido se relacionam de modo íntimo e vibrante nas articulações do corpo e de seus sentidos.

O outrem é uma experiência de mundo, uma abertura para o encontro e o diálogo e da configuração de um intermundo, como um pacto com o outro:

Na experiência do diálogo, constitui-se um terreno comum entre outrem e mim, meu pensamento e o seu formam um só tecido, meus ditos e aqueles do interlocutor são reclamados pelo estado da discussão, eles se inserem em uma operação comum da qual nenhum de nós é o criador. Existe ali um ser a dois, nós somos, um para o outro, colaboradores de uma reciprocidade perfeita, nossas perspectivas escorregam uma na outra, nós coexistimos através de um mesmo mundo”(MERLEAU-PONTY, 1994, p. 475).

A relação com outrem também é permeada por adversidades. Nessa direção, Merleau-Ponty anunciava a necessidade de “acrescentar uma fenomenologia da fenomenologia” (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 489). Em textos como *A Guerra aconteceu*, nas Conferências do México, nos cursos que ministrou na Sorbonne reunidos em *Psicologia e Pedagogia da criança*, na conferência *O homem e a adversidade*, entre outros podemos compreender os limites da fenomenologia nessa experiência da intercorporeidade. Merleau-Ponty fará um esforço para inscrever a filosofia, o cogito, o conhecimento, no curso da história (história civil e história da razão). Ao invés da eternidade do cogito, ele nos propõe a contingência do corpo, do mundo, dos sentidos e de nossas verdades, incluindo nossos erros de interpretação.

Esse pensamento nos leva as ideias de Merleau-Ponty sobre uma ontologia na qual o corpo e a estesiologia possuem um papel de destaque que tentaremos aqui esboçar no cenário do mundo sensível e do mundo da expressão que configuram o logos estético como a possibilidade de alargamento de uma racionalidade na qual o corpo não é mecânico, acessório ou instrumental.

O MUNDO SENSÍVEL, O MUNDO DA EXPRESSÃO E O LOGOS ESTÉTICO: NOTAS ESTESIOLOGICAS

Merleau-Ponty cria relações entre o mundo sensível e o pensamento para dizer que a significação não precede os atos de expressão que configuram o logos estético. O logos estético é fundado na experiência sensível, como percebemos, por exemplo, no modo como Cézanne, casando um verde matizado com vermelho, entristece uma boca ou faz sorrir. Trata-se de uma nova inteligibilidade configurada pela sensibilidade em seu sentido mais amplo e que foi esboçada por Merleau-Ponty em sua arqueologia do corpo humano e de uma ontologia da Natureza³.

No curso *O mundo sensível e o mundo da expressão, Collège de France* (1952-1953), nosso filósofo nuança aspectos relacionados a significação do movimento em sua relação com o corpo, o espaço, o ritmo orgânico, o mundo da cultura e a afetividade. Nesse curso, Merleau-Ponty (2011) explora as possibilidades do corpo como lugar de uma certa práxis (esquema corporal) e como portador de simbolismos que asseguram a polissemia da significação dos gestos. Nesse sentido, o movimento é expressivo como podemos perceber na pintura ou no cinema ao inventarem emblemas, fisionomias, metamorfoses, atitudes do corpo e uma estesiologia. O cinema, por exemplo, inventou outra representação do movimento, uma nova maneira de simbolizar os pensamentos pois “o filme, sua *découpage*, sua montagem, suas mudanças de ponto de vista solicitam e, por assim dizer, celebram nossa abertura ao mundo e ao outrem” (MERLEAU-PONTY, 1968, p. 20). O cinema nos dá o movimento e nos possibilita o sentir mesmo como uma operação expressiva da inteligência que emerge do corpo e de sua sensibilidade.

Nos cursos sobre a Natureza, proferidos entre os anos 1956-1960, também no *Collège de France*, encontramos os esboços de uma arqueologia do corpo feita por Merleau-Ponty na qual a estesiologia se inscreve. Nessa arqueologia do corpo compreende-se que o humano não se faz por um acréscimo de razão, mas por sua corporeidade: “Trata-se de compreender a corporeidade como outra maneira de ser corpo – de ver emergir a humanidade como Ser em filigrana, não como uma outra substância” (MERLEAU-PONTY, 1995, p. 269).

O corpo apresenta-se no último ensaio publicado por Merleau-Ponty, em 1961, *O Olho e o espírito*, como sendo “o corpo operante e atual, aquele que não é uma porção do espaço, um feixe de funções, que é um trançado de visão e movimento” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. II). Parece-me que essa compreensão de

³ Remetemos aos Cursos sobre a Natureza proferidos por Merleau-Ponty no Collège de France entre os anos de 1956 e 1960 (MERLEAU-PONTY, 1995).

corpo desenha o corpo estesiológico tematizado pelo filósofo pouco antes desse escrito e daquele que seria seu último verão. A ontologia, reconhece Merleau-Ponty, necessita da estesiologia, ou seja, do estudo do corpo e sua sensibilidade que envolve sensações, sentimentos, simbolismos, desejos, sentidos.

A estesiologia, o esquema corporal, a imagem do corpo, a motricidade, a linguagem, configuram a corporeidade e nos torna capaz de sentir e de entrar em contato com o mundo da vida criando e recriando sentidos nos vários campos da existência e do conhecimento. Sobre a estesiologia tem-se que se “trata de uma estrutura libidinal, a percepção, um modo de desejo, uma relação de ser e de conhecimento” (MERLEAU-PONTY, 1995, p. 273).

A estesiologia é o sentir mesmo. Na obra de Merleau-Ponty essa experiência sensível é tematizada na pintura, no cinema, na literatura, na música, na dança, na relação com o outrem como possibilidade de reconvocar nosso poder de expressão e de significação, criando, recriando, metamorfoseando os sentidos já estabelecidos. Em *O Romance e a metafísica* Merleau-Ponty (1996) afirma que a expressão filosófica assume as mesmas ambiguidades que a expressão literária, mesmo que o romance ou o teatro não utilizem uma palavra sequer do vocabulário filosófico, elas coexistem livres em sua união expressiva.

A respeito da relação com a linguagem, em uma entrevista concedida a Georges Charbonnier, em 1956, Merleau-Ponty fala sobre seu propósito de fazer aparecer a linguagem como um tipo de pensamento do corpo, “não como um envelope exterior [...], passando da ordem do mundo percebido a ordem do pensamento, que é também a ordem da cultura” (MERLEAU-PONTY, 2016, p. 428). Na referida entrevista, o filósofo continua esclarecendo sua compreensão da linguagem como “atividade expressiva do homem, seja em suas formas artísticas, seja em suas formas linguageiras” (MERLEAU-PONTY, 2016, p. 429).

Podemos dizer que em Merleau-Ponty a linguagem emerge do corpo como um fenômeno expressivo que se funda no sentir mesmo, na estesiologia e na intercorporeidade. Neste movimento compreende-se o quiasma, o entrelaçamento entre o corpo e o pensamento, a percepção e a cognição, os usos da linguagem e os sentidos que são fabricados no mundo da cultura, do diálogo, dos conflitos, das experiências vividas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos importante ressaltar que corpo, linguagem e expressão em Merleau-Ponty estão circunscritos no movimento de seu pensamento entre a fenomenologia da percepção e a ontologia indireta, em uma experiência mediada pelo corpo e sua estesiologia. Neste ensaio não fazemos uma leitura exaustiva da obra de Merleau-Ponty, nem mesmo sobre o tema da linguagem. Um pouco

diferente do nosso filósofo, não lamentamos o fato de nosso pensamento e desse próprio texto “não ser tudo”, assim nos pomos em movimento, em estado de invenção para apresentar nuances, ensaiar passos, movimentar noções e criar uma coreografia de ideias capaz de dar a ver a estesiologia como sendo o sentir mesmo, a ontologia indireta proposta pelo filósofo e algumas possíveis relações entre corpo, linguagem e expressão. Ao mesmo tempo, com Merleau-Ponty reconhecemos um estado de incompletude e lamentamos *não ser tudo*, reconhecendo os limites de nossa compreensão e da natureza desta comunicação. Suas reflexões sobre as “patologias da linguagem, por exemplo, merecem outro estudo⁴. Deixamos essa espécie de vazio como um horizonte inclusive para a abertura de novos caminhos.

Buscamos apresentar a crítica de Merleau-Ponty as abordagens empiristas e intelectualistas da linguagem que a consideram seja como automatismo ou vestimenta do pensamento para circunscrevê-la como um gesto do corpo, um lugar do mundo linguístico, uma experiência intersubjetiva por meio da intercorporeidade, da relação com o outrem e de uma abertura para o encontro, o diálogo e a expressão. Destaca-se que a linguagem não é uma vestimenta do pensamento; bem como podemos perceber um significante corpóreo ou uma quase-corporeidade da palavra e do significante como percebemos em Kristeva (1996), inspirando-se em Merleau-Ponty e em Marcel Proust, para interrogar se a sensação é uma linguagem e reconhecer as sensações das palavras e a palavra como uma sensação, vinculadas a reflexividade do corpo em Merleau-Ponty: o corpo próprio, o corpo do outro aos quais acrescentamos o corpo do mundo, palavras ao corpo e corpo as palavras.

A linguagem para Merleau-Ponty nuança a relação entre sentido e significado, a fala falada e a fala falante, o mundo sensível e a racionalidade por meio de um “logos estético”, eu diria, estesiológico, que une sensações, sentimentos e sentidos semânticos; bem como através da expressão do ser no mundo, de uma atitude ética que possibilita a reconversão e a metamorfose entre a palavra, o silêncio, o sentido, a significação. O diálogo que o filósofo estabelece com a literatura em particular é criador de novos horizontes para a filosofia, o mesmo ocorre no diálogo com as experiências da pintura, os gestos expressivos de Cézanne que marcaram para sempre o seu olhar.

Com essas reflexões espera-se abrir o diálogo e o campo da linguagem com a expressão artística da dança, do cinema, da pintura ou da literatura. Busca-se ainda uma outra maneira de praticar a filosofia como estesiologia e lançar pontes para os estudos da corporeidade, realçando outra maneira de ser corpo e de vislumbrar horizontes existenciais, ontológicos e epistemológicos que possam inventar e reinventar maneiras de ser corpo; bem como colocar nosso conhecimento nesse mesmo estado estesiológico do chão deslizando sob nossos passos, de não

⁴ Ver especialmente o curso sobre a aquisição da linguagem ministrado na Sorbonne e o curso sobre o Problema da Palavra, proferido no *Collège de France* em 1953.

lamentar não ser tudo e de se colocar em movimento, em estado de invenção.

FINANCIAMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil (CNPq) – Código de Financiamento 306657/2018-0.

NOTAS

CONFLITOS DE INTERESSE

A autora não tem conflitos de interesse, incluindo interesses financeiros específicos e relacionamentos e afiliações relevantes ao tema ou materiais discutidos no manuscrito.

AUTORIA E COAUTORIA

A autoria é responsável pelos conteúdos do texto.

REFERÊNCIAS

ANDÉN, Lovisa. Pour une phénoménologie du langage: le primat ontologique de la parole. Avant-propos. In: MERLEAU-PONTY, Maurice. *Le problème de la parole. Cours au Collège de France, Notes 1953-1954*. Genève: Metis Presses, 2020. p. 9-32.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *A pintura encarnada*. São Paulo: Escuta, 2012.

IMBERT, Claude. *Ver em movimento: uma nova inteligibilidade do olhar*. São Paulo: Liber Ars, 2020.

LEFORT, Claude. Avertissement. In: MERLEAU-PONTY, Maurice. *Résumés de cours. Collège de France 1952-1960*. Paris: Gallimard, 1968.

KRISTEVA, Julia. A sensação é uma linguagem. *IDE*, São Paulo, n. 28, 1996.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard, 1945.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Signes*. Paris: Gallimard, 1960.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Résumés de cours. Collège de France 1952-1960*. Paris: Gallimard, 1968.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Ciências do homem e fenomenologia*. São Paulo: Saraiva, 1973.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MERLEAU-PONTY, M. *La Nature. Notes. Cours au Collège de France*. Paris: Seuil, 1995.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Sens et non-sens*. Paris: Gallimard, 1996.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Parcours deux 1951-1961*. Paris: Verdier, 2000.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O olho e o espírito*. São Paulo: Cosac Nayfi, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Psicologia e pedagogia da criança*. Curso da Sorbonne 1949-1952. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Le monde sensible et le monde de l'expression. Cours au Collège de France, Notes 1953*. Genève: Metis Presses, 2011.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Recherches sur l'usage littéraire du langage. Cours au Collège de France, Notes 1953*. Genève: Metis Presses, 2013.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Entretiens avec Georges Charbonnier et autres dialogues, 1946-1959*. Paris: Gallimard, 2016.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Le problème de la parole. Cours au Collège de France, Notes 1953-1954*. Genève: Metis Presses, 2020.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia. A educação como experiência do outrem: notas fenomenológicas sobre a noção de intercorporeidade. In: RODRIGUES, Ana Cláudia; SEVERO, José (Orgs.). *Diálogos interdisciplinares e temas emergentes na produção do conhecimento em educação*. João Pessoa: Ed. CCTA, 2018. p. 375-398.

Recebido em: 19 abr. 2021
Aprovado em: 03 maio 2021

Artigo submetido ao sistema de similaridade Turnitin®.

A revista **Conexões** utiliza a [Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0](#), preservando assim, a integridade dos artigos em ambiente de acesso aberto.

A Revista Conexões é integrante do Portal de Periódicos Eletrônicos da Unicamp e associado/membro das seguintes instituições:

